

UMA CARTA SOBRE O PASSADO PARA O FUTURO

Ana Diniz¹

Em 2022, completaram-se dez anos da defesa da minha dissertação de mestrado, o marco mais importante do meu desenvolvimento profissional. E é impossível falar desse marco sem reconhecer o papel fundante que o Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais teve nesse processo.

Ou, mesmo antes, do Programa de Educação Tutorial, PET-UFMG, por meio do qual iniciei a formação em pesquisa, ensino e, também, cidadania. Ou, ainda antes, das longas aulas geminadas da graduação, ainda no antigo prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, Face, na Curitiba 832. Das inesquecíveis aulas de Teoria da Administração, com suas leituras densas, suas inúmeras resenhas escritas à mão, suas provas que demandavam explicações com "profunda riqueza de detalhes" (aspas, pois era isso mesmo que vinha escrito no enunciado) e os trabalhos trabalhosos e diferentes, que iam de análises de casos a vídeos, numa época em que não existiam *smartphones*.

E nesses fios nada invisíveis tem o professor Alexandre Carrieri, desorientador dessa (e de outras) jornada.

¹ Doutora em Administração Pública e Governo (Fundação Getúlio Vargas, Brasil). Professora do Instituto de Ensino e Pesquisa. <http://lattes.cnpq.br/5216890933610599>. <https://orcid.org/0000-0002-9187-3696>. anaprdiniz@hotmail.com. Endereço para correspondência: Insper Instituto de Ensino e Pesquisa. Rua Quatá, de 251/252 a 449/450, Vila Olímpia, São Paulo, SP, Brasil. CEP: 04546-042. Telefone: (55 11) 45042400.



Tudo começou no terceiro semestre da graduação em Administração, com as temidas aulas de TA. "Copia o quadro todo e rápido, que ele apaga", "foca nos textos mais importantes", "não perde as resenhas", "escreve tudo que vier na sua cabeça na prova", diziam os/as sobreviventes veteranos e veteranas. Os textos eram cabeludos, as mãos doíam e como fazer com todas as outras disciplinas? Volta e meia os outros professores e professoras ficavam bravos. Mas a gente seguia. "150 páginas de leitura por semana não é nada, imagina!", dizia ele, com um certo tom de deboche que a gente nunca sabe se está falando sério ou é ironia. Depois descobriria que essa é uma característica distintiva de todas as formas de interação com o professor Carrieri e que a pergunta verdade *versus* ironia segue viva.

As aulas de TA eram um traço importante da formação em Administração da UFMG, depois fortemente refletido no currículo do curso. Apoiando esse esforço havia um objetivo, compartilhado por outras professoras e professores da casa, de trazer um impulso crítico e reflexivo para os administradores e administradoras que ali se formariam. Nossa turma teve, ainda, a oportunidade de ser acompanhada pela, então, doutoranda e atual professora da Universidade Federal de Ouro Preto, Carolina Saraiva.

Em tese de doutorado² orientada pela professora Ana Paula Paes de Paula, Carolina investigava a relevância e os efeitos de uma formação crítica na área. Muitas reflexões surgiram dali e, em especial, o debate sobre o papel de futuros gestores e gestoras no avanço de uma postura ética, sustentável e conectada com demandas que vão além do famoso "aumentar os retornos dos negócios para os acionistas". "Qual é o papel da gestão na nossa sociedade?", pergunta que segue imperativa diante da aceleração das mudanças climática, da crise ambiental, do aprofundamento das desigualdades sociais e das crescentes ameaças à democracia.

² "Indústria Cultural e Semiformação: Análise Crítica da Formação de Administradores" (2010). Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-99VJAZ/1/tese_carolina_machado_saraiva_de_albuquerque_maranh_o.pdf

E foi essa articulação de experiências que me abriu os olhos para a possibilidade da pesquisa em Administração. Mas o que seria isso? Comecei a procurar por oportunidades... com amigas e amigos, conheci o Programa de Educação Tutorial. Com o PET, veio minha primeira possibilidade de pesquisa, uma monografia que buscava entender as identidades profissionais de trabalhadores e trabalhadoras noturnos, que, como eu à época, trocavam o dia pela noite. "É que nem morcego"³, me ensinaram os/as participantes do estudo. E, com a pesquisa, veio também a necessidade de empregar pela primeira vez a Análise do Discurso, uma metodologia "do NEOS", me ensinava quem lá trabalhava e estudava. "É o Carrieri que fala pra gente fazer", continuavam.

Da monografia de PET veio a primeira participação no congresso do Enanpad, uma chiqueza danada em um hotel badalado no Rio de Janeiro. "Uau!", expressava meio boquiabertos estudantes de iniciação científica que participavam daquele espaço tão inacessível. Chegávamos lá e logo percebíamos que éramos a exceção da exceção. De fato, não seria um espaço construído para estudantes de graduação, como bem confirmou a liderança da associação da época. Trazer estudantes de graduação para aquele espaço era "coisa do NEOS", alguns respondiam.

Como um nó puxa outro, o PET puxou uma sequência de pesquisas, agora para pensar como desigualdades sociais são produzidas e reproduzidas nas organizações e no mundo do trabalho. Investigaríamos experiências de violência, discriminação e exclusão enfrentadas por grupos específicos, como mulheres e gays. Gênero passou a nos atravessar e a informar discussões, estudos e publicações, pensando, especialmente, como mulheres e homens se constituem em cargos de gestão.

Esse esforço integrou pesquisas desenvolvidas em parceria com núcleos de pesquisa de diferentes estados, inúmeros grupos de estudos, centenas de

³ Ana Diniz, Ivana Murta, e Raquel Barreto (2008). "É que nem morcego": a construção identitária dos trabalhadores noturnos. Apresentado no XXXII EnANPAD, 2008, Rio de Janeiro.

entrevistas e muitas apresentações em congressos⁴. Integrou, também, a pesquisa de mestrado, com foco mais específico nos discursos gerenciais sobre as mulheres no trabalho⁵. Integrou, sobretudo, diversas pessoas e laços que carregamos conosco e reativamos nas experiências de pesquisa e nas experiências de afeto⁶.

A incorporação de gênero nos/me reconfigurou no plano pessoal, profissional e político. Hoje, atravessa os espaços por onde passamos, trazendo reflexões e possibilidades de mudança. E se conjugo no plural é porque sei que, se ando nessa jornada, definitivamente não ando só e nem tampouco a tomo como somente minha. Sigo ao lado de outras tantas e tantos que se transformaram e transformam seus círculos mais imediatos ao longo desse processo.

Certa feita, quando já depois de finalizado o mestrado e em outros caminhos, recebi um dos fatídicos e catastróficos emails de título "o NEOS está acabando" ou "o NEOS morreu". Quem por lá circula, sabe que esse email entre a verdade e a ironia é enviado com regularidade quase programada. Um convite a pensar: o que é esse lugar?

Entre muitas mensagens, um longo debate entre várias pessoas que por lá estavam ou já tinham passado, respondi: "o NEOS, para mim, é um mosaico." Um espaço onde vários pedaços se encontram e que deveria sempre abrir lugar para mais um encaixe. Um lugar onde a riqueza emana da diferença dos desencaixados e das desencaixadas no *main(male)stream* da Administração e, muitas vezes, dos

⁴ Foram desenvolvidos três projetos com financiamento do CNPq. O primeiro voltado para análise das formas de assédio moral enfrentadas por trabalhadores homossexuais masculinos. O segundo e o terceiro com foco na análise das representações sociais das masculinidades e feminilidades de profissionais em cargos executivos. Diferentes artigos resultaram desses estudos. Destaco: "Políticas de Diversidade nas organizações: as relações de trabalho comentadas por trabalhadores homossexuais" (2013), escrito por Ana Diniz, Alexandre Carrieri, Gislaíne Gandra e Renata Bicalho e publicado na Revista Economia & Gestão, v. 13; e "Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives" (2013), escrito por Ana Diniz, Alexandre Carrieri, Eloísio Souza e Raquel Soares e publicado na Brazilian Administration Review.

⁵ "Mulheres gerenciáveis? Uma análise dos discursos sobre as mulheres na revista Exame" (2012). Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-92XHRW/1/disserta_o_completa.pdf

⁶ Não posso deixar de mencionar minha querida amiga e parceira Juliana Cristina Teixeira, com quem sigo na promoção das discussões sobre desigualdades no trabalho. No artigo "Inclusão e Diversidade na Administração: manifesta para o futuro-presente" (2021), escrito com Josiane Oliveira e Mariana Mazzini e publicado na Revista de Administração de Empresas, problematizamos o papel da academia na construção de organizações mais diversas e inclusivas.

Estudos Organizacionais. Um arranjado ligado especialmente pelo olhar questionador, um olhar que se volta para a pergunta “e o que a gestão tem a ver com _____? [*inclua aqui muitos estudos sobre Cultura, Identidade e Simbolismo nas Organizações; Gênero e Raça na Administração; Profissões e Profissionais invisibilizados; Gestão e Estratégia Ordinárias; História e Memória e Cotidiano e Vida Organizada*]”.

E esse mosaico é, em grande parte, construído por meio dos processos de desorientação formais e informais do "K".

Do privilégio de quem hoje olha para trás e consegue identificar tanta positividade nessa jornada (mas não se enganem, teve muita treta também!), me orgulho em ver o quanto disso tudo carrego em mim. Entre a crença de que a academia se conjuga no plural e se faz em coletivo, a ideia de que a identidade do/a pesquisador/a se constrói no que se estuda junto, de que “sem essa de separar quem está na graduação da pós-graduação”, e umas frases soltas entre a verdade e a ironia, sigo tentando fazer pequenos NEOS por aí – de vez em quando melhorando umas coisas, outras vezes piorando outras, mas seguimos...

Sempre que tenho o privilégio de interagir com mestrandas e mestrandos, especialmente em bancas de qualificação e defesa de dissertação, repito que "a principal entrega do mestrado é o/a mestre". Dez anos após minha defesa, reconheço que assim repito por ver em mim uma pessoa que saiu profundamente afetada e transformada de todo esse processo. E, como essa carta mostra, um ponto está sempre inserido em uma cadeia extensa de eventos e experiências, nas quais algumas interações são fundantes e fundamentais.

Diante disso, me cabe reiterar os agradecimentos que fiz naquele fatídico maio de 2012: obrigada por me/nos desorientar. E desejar que o NEOS carregue esse legado para que passado, presente e futuro sigam se encontrando na riqueza da diversidade, da problematização do que não deveria mais ser reproduzido, no

mosaico colorido que mantém um espaço aberto para que mais um desencaixado ou uma desencaixada se encontre sem se enquadrar.

CONTRIBUIÇÃO

Ana Diniz

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Diniz, Ana (2023). Uma carta sobre o passado para o futuro. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(29), 500-506.